

sobre tudo

LEITORES EM REVIS(I)TA: MEMÓRIAS DE LEITURA DE ESTUDANTES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO/2021

George França

Resumo: Este texto apresenta, brevemente, as memórias de leitura produzidas por estudantes do 1º ano do Ensino Médio na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio de Aplicação da UFSC em 2021. A produção desse gênero textual é presente há anos no currículo da disciplina no CA/UFSC, e consiste em um depoimento importante sobre a constituição de sujeitos leitores com suas experiências de leitura na escola e fora dela.

Palavras-chave: Memórias de leitura; Ensino de Literatura; Ensino Médio

“A biblioteca de cada um revela um bocado sobre seu dono”. Com essa citação de Anne Fadiman, em 2004, a professora Ana Maria Sabino apresentava a publicação de duas memórias de leitura de estudantes do 1º ano do Ensino Médio nas páginas do volume 4 da revista **Sobre Tudo** (à época impressa e com as capas padrão nas cores

verde e vermelho, que o Colégio de Aplicação emprestou da bandeira de Santa Catarina). Ana desenvolveu um longo trabalho com memórias de leitura - elas foram o tema de sua Dissertação de Mestrado, defendida em 2003, em que tratava da formação como leitores de estudantes do Colégio de Aplicação, do Instituto Estadual de Educação e do Colégio Autonomia, três escolas, duas públicas (federal e estadual, respectivamente) e uma privada do município de Florianópolis.

A ideia de que os estudantes precisam construir significados para suas leituras, de que Ana Sabino fala ao comentar a publicação dos textos que duas estudantes produziram em 2003, não restou abandonada na escola em que trabalhou até se aposentar. O momento escolhido para essa produção não foi escolhido por acaso: o primeiro ano do Ensino Médio marca a entrada em um nível educacional que é concluído por menos da metade da população brasileira - dado certamente agravado pela pandemia do COVID-19 que ora vivemos, que levou um número ainda não contabilizado de jovens a abandonarem a escola, diante das demandas de sobrevivência familiar ou da falta de equipamentos e rede para o ensino dito “remoto”. Essa passagem vem acompanhada de uma mudança de relação com o status da leitura e do objeto literário no currículo da disciplina de Português. Ao longo do Ensino Fundamental, a leitura não apenas se vincula à tentativa de formação de um sujeito que goste de ler - portanto, procurando conciliar desejos, anseios e certa formação de base - como também ao trabalho com certos gêneros textuais curricularizados, ou ainda, com as temáticas ditas transversais (onde aparecem os famigerados “paradidáticos”, sempre tão artificializados). No Ensino Médio, surge no currículo a chamada historiografia literária brasileira, tributária da tradição das antologias, mas também, de certo conceito pedagógico de “formação” que acabou conformando o desenho mais padronizado de currículos, livros didáticos e cursos de formação de professores. Haverá ainda o que comentar sobre as gerações formadas

por um Ensino Médio cujo caráter propedêutico e cujo currículo mínimo foram limados por reformas autocráticas como as impostas pela Lei nº 13.415/2017 (a chamada “Deforma do Ensino Médio”) e pela instituição da Base Nacional Comum Curricular.

Noves fora, o que se passa é que o trabalho com memórias de leitura foi mantido como uma forma de fazer o estudante se revisitar ao entrar no Ensino Médio, entender o que o formou como sujeito leitor na escola e fora dela - e também, na literatura e fora dela, noutras tantas escrituras - ou ainda, apontar as razões pelas quais não se vê como um sujeito leitor, embora tenha atravessado tantos anos de escolarização. Quando cheguei ao Colégio de Aplicação (curiosamente, na vaga que fora de Ana Sabino), encontrei as professoras Nara Caetano Rodrigues e Tânia Maria Cassel Trott, hoje também aposentadas, as quais, quando trabalhavam nos primeiros anos, sempre desenvolviam essa atividade. Assimilei-a também ao meu trabalho, nos anos em que estive nessa série, fazendo adaptações à proposta, como motivá-los a falar de quadrinhos, de fanfics, de mangás e de outros gêneros que hoje estão em suas esferas de leitores.

Atualmente, o 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC tem 100 estudantes matriculados. A maioria deles frequenta o CA desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Os textos a seguir são uma amostra de um grupo que iniciou seus estudos por volta de 2012, em sua grande maioria no próprio Colégio de Aplicação. Outros chegaram depois, vindos de outras escolas da cidade, públicas ou privadas, através do sorteio, forma de ingresso institucionalizada no CA/UFSC. Alguns dados se repetem e merecem atenção do leitor que os percorrerá: o papel da família, na contação de histórias e contato com o objeto livro antes da escola; o destaque que dão ao projeto “Roda de histórias”, então coordenado pela professora Liliane Alves de Lima (dos Anos Iniciais), e à literatura oral, em sua formação nos Anos Iniciais; as leituras indicadas e mediadas pela escola ao longo dos Anos

Finais, em especial na disciplina de Português, que adota a prática da realização de aulas de leitura semanais, em que se alternam livros indicados e escolhas livres para os estudantes.

Muitos estudantes dizem não se ver como leitores, até mesmo os que aparentam ter hábitos de leitura relativamente regulares, mesmo que para cumprir compromissos escolares. É certo que a leitura de livros de literatura compete no cotidiano de adolescentes com muitas outras formas de entretenimento, com outras leituras (de mensagens de redes sociais a materiais escolares de diferentes disciplinas) e com as demandas da vida cotidiana, ainda mais atribuladas em tempos pandêmicos. No entanto, é no exercício de reflexão sobre a memória que muitas vezes descobrem a importância de certos saberes que lhes parecem esquecidos, ou ainda, que conseguem perceber o que os constitui como sujeitos, quais são seus desejos e que importância o ato de ler ocupa em suas vidas. Nesse sentido, os textos que seguem são depoimentos de trajetórias diferentes dos que lemos em 2004 nesta revista. São estudantes diferentes entre si, que poderiam ser analisados em torno das várias intersecções de que se compõem, mas não é este o escopo deste texto; desejo apenas apresentá-los para que falem de si, por si. Ao acompanhar como se constituíram e como se percebem, temos pistas de quais são os percursos que, na escola ou fora dela, desenham contornos de sua percepção de mundo, de sujeito, de leitura, de alteridade, de vida. São adolescentes singulares, porém de uma outra geração, com outras preocupações e num país que não mais se configura como o do futuro, mas o do futuro negado, ou impossível.

Referências

FADIMAN, Annie. *Ex libris*: Confissões de uma leitora comum. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SABINO, Ana Maria. **Tanta coisa guardada...**: Memórias de leituras. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Literatura/UFSC, 2003.

_____. No primeiro trimestre de 2003... **Sobre Tudo**. v. 4, n. 1, 2004, p. 72.

Fascínio por Histórias



Mariana Gomm Lima

2021

FASCÍNIO POR HISTÓRIAS

Mariana Jann Luna

*Já vivi mil vidas e amei mil amores. Percorri mundos
distantes e vi o fim dos tempos. Porque leio.*

George R. R. Martin

O prelúdio de um encanto: descobrindo o mundo literário

Ler e ouvir histórias sempre foi muito importante para mim. Minha trajetória como leitora começou quando eu ainda era pequena, lembrá-la é muito bom. Recordo que entre meus dois e sete anos de idade costumava ouvir histórias todos os dias antes de dormir. Meu pai, e de vez em quando minha mãe, liam histórias de livros infantis para mim e meu irmão. Os livros que continham diversos contos curtos eram perfeitos para a ocasião. Alguns contos chegaram a ser lidos mais de uma vez, a ponto de eu já saber a história antes de ser lida. Um dos livros que costumavam ser lidos era intitulado “Volta ao mundo em 52 histórias”, organizado por Neil Philip e publicado em 2008. Eu adorava seus contos, pois como o próprio título referencia, eram de diferentes lugares do mundo, sendo um dos meus preferidos “A raposa manca”, da República Tcheca. Acredito que por ser uma criança curiosa na época essas histórias traziam um encanto especial. Outros dois livros de contos que fizeram parte do primeiro estágio da minha infância foram “Histórias africanas para contar e recontar” e “Histórias encantadoras para 365 dias”. O primeiro contém uma coletânea de sete histórias africanas sobre animais; já o segundo engloba 365 contos breves (um para cada dia do ano). Além de contos lidos, também era comum meus pais inventarem histórias para mim, histórias insanas com personagens

que possuíam nomes esquisitos que eu adorava. Esses momentos de leitura foram muito importantes para mim, o início e impulso para me interessar pelos livros e histórias que hoje gosto tanto.

Quando comecei a aprender a ler e escrever, passei a não só ouvir histórias mas também lê-las em voz alta frequentemente, a pedido do meu pai, que me corrigia. Recordo-me de ir ao quarto dos meus pais no fim do dia e ler aqueles livrinhos curtos e engraçados, ouvindo frequentemente um “lê mais devagar”, “respeita a pontuação”. As principais coleções lidas nesse período foram as dos livros "Pérola no parque" e "Go girl!", tendo como autoras Wendy Harmer e Vicki Steggall, respectivamente. A primeira coleção citada trata das aventuras de uma fadinha chamada Pérola protegendo o parque no qual morava, o que na época parecia muito emocionante; a segunda coleção contém histórias de meninas novas, principalmente no ambiente escolar. Ainda possuo e guardo com carinho inúmeros dos livros dessas coleções, que me ajudaram muito a praticar a leitura em voz alta.

Há outra coleção de livros que não posso deixar de citar: "Rangers, ordem dos arqueiros", escrito por John Flanagan em 2004. No natal de 2012, meu irmão, com dez anos na época, foi presenteado por minha tia com o livro "Rangers, ordem dos arqueiros: Ruínas de Gorlan - livro 1". Mesmo sendo um presente destinado somente ao meu irmão, ele, meu pai e eu começamos a ler o livro juntos, na chácara do meu avô. A coleção era bem maior do que eu estava acostumada na época, sendo uma aventura medieval infanto-juvenil que conta a história da vida de Will, um aprendiz de arqueiro. Geralmente a liamos antes de dormir, alternando a leitura em voz alta entre nós três. No início, por ter sete anos eu mal conseguia ler uma ou duas páginas por capítulo, mas à medida que a coleção progredia, minhas habilidades de leitura progrediam junto. Ao longo de cinco anos lemos juntos oito dos onze livros da coleção, intercalando com outras leituras individuais.

Essa coleção de livros significa muito para mim, pois me acompanhou durante todos os anos iniciais da escola e me introduziu a uma esfera da literatura que não era a infantil. Suponho que é por conta dessa coleção de livros que tenho tanto interesse por livros, filmes e séries que se desenvolvem em contextos medievais.

Como se ler em voz alta não bastasse, quando eu tinha oito ou nove anos meu pai começou a solicitar que eu lesse livros e lhe entregasse resumos escritos para ele corrigir. Nessa idade eu era muito ativa, fazia aulas de ballet, natação e desenho, porém ainda estava descobrindo como ler por conta própria. Os prazos eram de um ou dois meses por livro, que podiam ser de minha escolha. Naturalmente, os resumos que eu produzia continham vários erros, e embora a ideia de ter essa tarefa não me agradasse muito, a realizei continuamente até finalizar o quinto ano da escola. Alguns dos livros que li com o propósito dos resumos foram “Pipi meialonga”, escrito por Astrid Lindgreen e a “A bolsa amarela”, escrito por Lygia Bojunga, que ganhei de presente dos meus pais em meu aniversário de dez anos. Não recordo de todos os livros que li para os resumos, mas acredito que os que mais marcaram essa fase foram os sete livros da coleção principal de “Deltora Quest”, escritos por Emily Rodda. Tenho uma memória vívida de todo dia ler um pouquinho e fazer minhas anotações rabiscadas e quase ilegíveis de lápis, que depois serviriam para constituir os resumos.

Escola: ambiente de ascensão

Quando eu estava nos anos iniciais da escola, a prática de leitura era realizada pela “Roda de história”, na qual todos os alunos se sentavam em almofadas no chão e os professores contavam animadamente algumas historinhas. Relembro do excesso de entonação que os professores usavam enquanto liam; hoje sei que fazem isso para prender a atenção das crianças, muitas vezes inquietas.

Fico surpresa como consigo lembrar de “Yapo”, a música que era cantada antes dos professores começarem a ler. Esse momento, que na época era tão banal e cotidiano, se tornou uma lembrança nostálgica e pouco lembrada. Gostava bastante desses momentos, que hoje parecem tão distantes.

A biblioteca da escola foi sempre um referencial de leitura para mim. Nos primeiros anos do colégio a visitávamos com frequência nas aulas, o que foi ficando mais raro ao passar dos anos. Nos anos iniciais frequentávamos o espaço infantil da biblioteca, lembro de nessa fase olhar para o espaço dos livros “de gente grande” com suas altas prateleiras e tomar consciência de que de fato eu realmente era uma criança. Foi em uma das mesinhas de cadeira vermelha da biblioteca que li um dos livros que foram mais marcantes para mim: “O diário de Anne Frank”. Eu o li por conta própria enquanto estava no sétimo ano da escola. Normalmente nesse período da vida os adolescentes passam o recreio com amigos e namoradinhos, mas a partir do Fundamental Dois sempre fui mais introvertida. Costumava passar o recreio inteiro na biblioteca do colégio, lendo. Geralmente leio livros ficcionais, então “O diário de Anne Frank” foi um livro que me tirou da zona de conforto, me fez refletir sobre a vida real. Me envolvi muito com a história de Anne, saber que foi ela mesma que escreveu e que os acontecimentos do livro foram reais intensificou muito a potencialidade do livro para mim. Posteriormente, mas ainda no sétimo ano, a versão em quadrinhos do livro foi trabalhada como leitura obrigatória, mas em minha opinião os quadrinhos não transmitiram a intensidade e modificaram um pouco o livro.

Durante os anos finais do Ensino Fundamental foram solicitadas pela escola diversas leituras obrigatórias. Lembro de ter lido “O menino no espelho”, escrito por Fernando Sabino, e “Capitães da areia”, escrito por Jorge Amado, além de vários outros títulos. Havia aulas nas quais o tempo era destinado para a leitura de tais livros, eu tentava os ler nestes

momentos, mas nunca gostei, sempre preferi ler na tranquilidade de casa. Costumo encarar as leituras escolares como tarefas, pois não se trata somente de ler os livros, mas também de fazer provas, trabalhos e textos sobre eles, tendo prazos para entrega e notas com que se preocupar. Na maioria das vezes costumo continuar lendo livros de minha escolha simultaneamente, acredito que justamente por não querer misturar o lazer com as tarefas.

Houve dois livros lidos para a escola que em específico me marcaram como experiências de leitura muito boa, eles foram “A menina que roubava livros” (escrito por Markus Zusak em 2005) e “Feliz ano velho” (escrito por Marcelo Rubens Paiva em 1982), lidos no oitavo e nono ano, respectivamente. Em relação a ambos os livros citados foi solicitada a trabalhosa tarefa de realizar diários de leitura. Recordo-me de passar horas debruçada na escrivaninha escrevendo os diários, tentando compilar e expressar todas as coisas que estava achando dos livros em somente algumas páginas.

Brancheando a estante: uma jornada de busca própria ✨

No Natal de 2016 ganhei do meu tio um vale presente de uma livraria e com ele comprei um livro chamado “A pirâmide vermelha”, escrito por Rick Riordan em 2010. Comecei a lê-lo nas férias de 2017 e inicialmente não me interessei tanto. Porém, após ler alguns capítulos do livro fiquei totalmente fascinada pela história, que trata de dois irmãos que descobrem ter ligação com os deuses da mitologia egípcia. Desde então, criei o hábito de ler toda a noite antes de dormir e não parei de ler livros por diversão até os dias de hoje. Assim que terminei “A pirâmide vermelha” li os outros dois livros da coleção, intitulados “Trono de fogo” e “A sombra da serpente”. Estava tão obcecada pela história que não queria me separar dela de jeito nenhum, então logo

após ler o último livro da coleção a recomencei e li tudo novamente. Nessa época, cheguei até a imitar comportamentos de uma personagem deste livro, chamada “Sadie”.

A partir do estímulo que foi ler “A pirâmide vermelha” minha experiência literária não mais se dividiu em fases, meu gosto por ler continuou e se manteve estável. Em meu aniversário de doze anos, meu pai me presenteou com um livro chamado “A Rainha Vermelha”, publicado em 2015. Quando o ganhei estava em um clube perto de minha casa, chamado Elase, e como tinha tempo livre comecei a lê-lo imediatamente, descobrindo que se tratava de uma fantasia com cenário distópico muito interessante. Este foi o primeiro livro que li depois de ler a coleção de “A pirâmide vermelha”. Por ainda estar muito ligada com seus personagens, aconteceu uma coisa engraçada: como comecei a gostar muito de “A rainha vermelha” me senti muito culpada, com o sentimento de estar traindo os personagens de “A pirâmide vermelha” por estar gostando de outros personagens que não eles.

Ao continuar a leitura dos outros cinco livros da coleção de “A rainha vermelha”, me envolvi imensamente com seu enredo e comecei a seguir a autora do livro, Victoria Aveyard, no Instagram. Com isso, descobri que ela viria ao Brasil em 11 de agosto de 2018, para participar de um evento chamado “Bial do Livro”, em São Paulo. Coincidentemente, era o mesmo dia do aniversário de meu pai. Surpreendeu-me muito ele aceitar me levar, foi uma curta viagem muito divertida. Ver a autora pessoalmente foi uma experiência incrível e, além disso, ir a um grande evento com inúmeras pessoas que gostavam das mesmas coisas que eu (livros) foi um acontecimento que nunca vou esquecer. Enquanto estava no evento adquiri vários outros livros que preencheram a estante do meu quarto, livros que hoje fazem parte dos meus favoritos, como a coleção “Rastros de sangue”, escrita por Kerri Maniscalco. Gostei tanto da experiência que em 2019 fui novamente à Bial, desta vez ocorrendo no Rio de Janeiro.

Após ler “A Rainha Vermelha”, conheci uma das minhas autoras preferidas, chamada Sarah J. Mass. Comecei o primeiro livro dela ainda aos doze anos, bisbilhotando pela internet em um site sem saber do que se tratava. Após ler os primeiros capítulos já me interessei e adquiri o livro físico, chamado “Trono de vidro”, lançado em 2012. Novamente, me fascinei com o livro e continuei a coleção, que atualmente é composta de oito livros contando os extras. A cada livro da coleção a escrita da autora ficava melhor e a história mais complexa, o que me fez realmente adorar o mundo fictício criado, os personagens e o enredo, que conta principalmente a história de uma jovem chamada Aelin. Lembro de certo dia no período em que eu estava lendo o segundo livro dessa coleção, intitulado “Coroa da meia-noite”, ir ler antes de dormir como de costume, e, de repente, perceber que já estava amanhecendo. Essa foi a primeira das poucas vezes que virei a noite lendo.

Conhecendo “Trono de vidro”, resolvi buscar por mais livros da mesma autora. Descobri que ela escreveu outra coleção, na qual o primeiro livro é intitulado “Corte de rosas e espinhos”, lançado em 2015. Como esperado, novamente me encantei com o enredo e finalizei todos os livros da coleção que foram lançados até o momento. Com o tempo naturalmente passei a querer ler algo mais audacioso, com escrita mais séria e menos infantil, então acredito que os livros escritos por Sarah me chamaram tanta atenção pois a maioria é classificada como fantasia jovem-adulta, e não infantojuvenil. O segundo e terceiro livro da coleção (“Corte de névoa e fúria” e “Corte de asas e ruínas”) chegaram a ganhar o prêmio “Goodreads Choice Awards de Melhor Fantasia e Ficção Científica Young Adult” em 2016 e 2017, respectivamente. As coleções escritas por Sarah tiveram um grande papel em meu gosto por livros de fantasia, que é atualmente meu gênero literário preferido.

Entre a leitura das coleções comentadas, li diversas outras coleções e livros avulsos, entre eles livros com os quais não me envolvi

tanto assim como livros que me divertiram muito. Alguns livros que não poderia deixar de citar são “As crônicas de gelo e fogo”, escritas por George R. R. Martin, assim como alguns livros de romance de época (como “Orgulho e Preconceito” e “Persuasão”, escritos por Jane Austen). Desde que comecei a me envolver com livros e coleções específicas, criei um sentimento de ciúme sobre cada uma. Sempre adorei falar dos livros que gosto, mas se alguém comenta comigo sobre algum personagem que sou apegada, fico estranhamente com ciúme, como se ninguém pudesse gostar mais de certo personagem do que eu. Preferiria não me sentir assim, mas é difícil de evitar.

Ler traz emoção a minha vida, que é na maioria das vezes monótona. Mesmo que os personagens sejam fictícios, parece que sinto o que eles sentem, vivo o que eles vivem, e isso é incrível. Espero nunca parar de ler e me encantar com novas e surpreendentes histórias, porque ler faz parte de mim, me faz completa.



O Efeito De Ler



O EFEITO DE LER

Valentine May Machado

*Se todos soubessem o peso das palavras,
dariam mais valor ao silêncio.*

Masashi Kishimoto

O espetador

Relembrar é um processo complicado, você tem que ir resgatando no seu banco de memórias as suas lembranças, sejam elas boas ou ruins. É quase como voltar no tempo, ser espectador das suas memórias. Não consigo me lembrar da maior parte das situações que eu vivi desde que eu nasci até uns 7 anos, principalmente em relação a leitura. Depois de fechar os olhos e ficar escutando música por alguns minutos, fui me lembrando das sensações de ver as letras e imaginar um universo gigante, dos acontecimentos e talvez significados que esses universos tem para mim. Até perguntei para a minha mãe se tinha algum livro que eu gostava quando era menor, descobri coisas engraçadas e outras que nem imaginava serem possíveis.

Eu sempre tive aqueles livros com imagens de animais, o nome do animal e uma característica, o livro também tinha textura. Foi só com a ajuda da minha mãe que veio em minha mente um livro de plástico que eu ficava folhando enquanto tomava banho, eu devia gostar tanto que lia até no banho.

Quando aprendi a ler percebi o quanto era algo empolgante poder ver as palavras e compreender o que cada uma significa. Na escola, quando estava nos Anos Iniciais, sempre tinha uma aula que íamos até a biblioteca para pegar um livro e ler, foi assim que conheci “Bat Pat- O tesouro do cemitério”, escrito por Roberto Pavanello. O

morcego sempre tinha uma história misteriosa para contar e a da sombra que ele viu vagando pelo cemitério sempre foi a que mais me chamou atenção.

O legal de ler “Bat Pat” é que sempre tinham outras crianças que liam também, era um livro bem disputado na biblioteca da escola. Sempre tinha uns grupinhos, alguns liam “Bat Pat”, outros “Charlie e Lola” e o pessoal que lia “Diário de um banana”, do autor Jeff Kinney, nunca entendi (até hoje não entendo) o que tinha de tão legal nesse livro, eu sempre achei chato. Também tinha a contação de histórias, alguns alunos contavam as histórias e os outros escutavam. Umas eu gostava e outras eu ficava meio entediada, inclusive tinha um momento que a gente cantava uma música, o nome era Yapo da dupla musical Palavra Cantada.

Aos poucos eu fui deixando de ler, os professores começaram a sugerir livros e eu comecei a ver a leitura como algo obrigatório e chato. Até que eu vi um livro em uma livraria, quando eu tinha aproximadamente nove anos, cujo o nome é “Franny K. Stein” (autores, Jim Benton e Craig Robert Carey) Franny é uma cientista maluca. Como gosto de cientistas e de experimentos, rapidamente me apaixonei pelo livro, tenho cinco livros da coleção.

São tão poucas lembranças para um período tão longo. O curioso é que nesse tempo eu desejava que o tempo passasse rápido. Agora tenho vontade de voltar no tempo e implorar para eu aproveitar melhor. Usar toda a minha criatividade nas histórias que eu, meu primo e meu irmão criávamos e depois fingíamos que estávamos nelas e o mais importante, nunca desistir dessa criatividade magnífica que eu tinha para criar histórias. Agora só consigo lembrar das histórias e da gente correndo pela casa como se estivéssemos em outro mundo, virei o espectador das nossas criações.

Companhia

Ao passar dos anos eu fui parando de ler. Ler por “obrigação” não era e nunca foi algo que eu gostava, apesar de entender que de certa forma era necessário e importante. Em um momento eu cheguei à conclusão que leitura era para pessoas inteligentes, como não me considero uma pessoa inteligente sentia que isso não era para mim. A leitura parecia ficar cada vez mais distante e impossível de alcançar. Pode se dizer que eu coloquei o leitor em um pedestal.

Até que eu vi um vídeo, não me lembro de quem era, mas a pessoa falou que quando estava dando aula perguntou aos alunos se eles gostavam de ler a maioria respondeu rapidamente “não” e então ela percebeu que os alunos só consideravam o livro como leitura, mas, para conversar online eles viviam lendo, para ver uma série, filme, anime ou até mesmo um desenho legendando, eles estavam lendo. E o principal, as pessoas não consideravam quadrinhos ou livros de fantasia como leitura, já que não era algo “inteligente”, que traria “grandes reflexões” e “conhecimentos”.

Foi então que eu percebi que eu lia muito e principalmente que eu gostava de ler. Nesse momento eu quebrei a barreira que eu mesma tinha construído. Fui voltando a ler livros de ficção e comecei a ler os mangás de “Naruto”, já que eu finalmente tinha percebido que ler não te faz alguém mais ou menos inteligente. Obviamente nem tudo é um mar de flores, quando eu falava que gostava de livros de ficção, a pessoa dizia que eu deveria ler livros de verdade. Dessa vez eu consegui ignorar a frase e continuar lendo eu já tinha me apegado aos personagens fictícios, isso é um caminho sem volta.

Adoro livros que fogem da realidade, principalmente aqueles que fazem isso de uma forma que muitos julgam como exageradas. Eu pedido uma indicação de livro para a moça da livraria, jurava que não ia gostar do livro que ela escolheu, mas, cheguei à conclusão que a moça

conhecia o meu gosto para livros. “Felizmente, o Leite” do Neil Gaiman (li em 2018), é um desses livros incríveis que ignoram alguns pontos da realidade, uma história sobre o pai que precisa ir comprar leite no mercado. Até hoje eu não entendo como Neil Gaiman conseguiu criar uma história tão maluca e engraçada a partir de uma garrafa de leite e todos os lugares por onde esse leite passou até chegar em você, com toda certeza é um dos meus livros favoritos.

Como adoro uma indicação de alguém que tem um gosto semelhante ao meu, em 2017 fui influenciado por um amigo a ver “Naruto” (de Masashi Kishimoto). Comecei a ver o anime e depois fui lendo mangá, tenho alguns físicos, outros eu li online. Podemos dizer que eu me apaixonei pela história por conta do Naruto, ele é um garoto que perdeu os pais no dia que nasceu, Minato e Kushina (pai e mãe de Naruto) estavam lutando para proteger a vila da folha contra a Raposa de Nove caudas. Eles acabaram se sacrificando para salvar Naruto e Minato selou metade da raposa nele mesmo e outra parte em Naruto. Por conta disso, desde pequeno Naruto viveu isolado, não tinha amigos e as pessoas da vila sempre saíam de perto dele por conta do ocorrido.

Apesar de tudo, ele nunca desistiu, tinha um sonho e sempre se dedicou para conseguir realizá-lo, foi justamente essa determinação, essa vontade de nunca desistir que me fez amar Naruto. Eu tenho um carinho especial por alguns personagens quando eu via ou lia os mangás, eu sentia que sempre tinha companhia. Quando eles sorriam, eu sorria, parecia que toda a energia positiva deles vinha para mim. Acho as personagens femininas incríveis, mas, infelizmente, elas são injustiçadas no mangá e no anime em alguns momentos. De qualquer forma, também tenho um carinho imenso por elas.

A partir desse momento a minha relação com a leitura começou a mudar e se tornou uma relação de afeto, de companheirismo. As histórias me deixavam feliz, me distraíam e ao mesmo tempo me

causavam reflexões, principalmente as frases de alguns personagens de Naruto.

Um ano conturbado e eu em busca de representatividade

Período de quarentena, estava no tédio e com as tarefas da escola em dia, resolvi voltar a ler mais livros. Eu necessitava terminar “Me chame pelo seu nome”, era quase uma questão de vida ou morte, acho que o André Aciman não liga para o psicológico dos seus leitores. O livro é lindo, deslumbrante, em todos os sentidos possíveis, parece que você está vivendo junto com eles. A gente passa mais da metade do livro vendo o quanto o amor do Oliver e do Elio é lindo e a outra parte do livro eu fiquei imaginando uma Itália tão linda que me dá vontade de viajar para lá. Como se não bastasse, o filme também é incrível, uma excelente adaptação. No final a gente chora muito, muito mesmo, mesmo lendo o segundo livro ainda não superei.

Sempre tive vontade de ler “Viagem ao centro da Terra”, do Júlio Verne. Já tinha visto o filme então eu sabia que tudo começa com um cientista (Otto Lidenbrock) que encontra um manuscrito escrito em códigos. Ele e seu sobrinho (Axel) decifram os códigos e descobrem que se você descer a cratera do vulcão Sneffels antes do início de julho você chega no centro da Terra como já era de se esperar, eles chegam no centro da Terra. Como já era de se imaginar, eu me apaixonei pelo livro, acho genial a explicação sobre como funciona a vida no centro da Terra. A parte que eles falam sobre as rochas e minérios que vão aparecendo no túnel, o livro consegui me fazer ver beleza até em rochas e obviamente às vezes eu esqueço que é só um livro.

Vi um vídeo de um booktuber que eu gosto falando sobre uma história que logo de início despertou a minha curiosidade e o meu interesse, era “Bruxa Akata”, escrito por Nnedi Okorafor. O livro conta a história de Sunny, uma menina de 12 anos, albina, que morra na

Nigéria, mas nasceu nos Estados Unidos. Em um momento, Sunny descobre que é uma pessoa Leopardo, um ser mágico. Então esse livro vai nos inserir em uma Nigéria mágica com Sunny e outras três crianças que também têm poderes mágicos.

É o famoso clichê que a Sunny e seus amigos têm o poder para solucionar o problema que estava ocorrendo na cidade, só que o livro deixa de ser clichê quando a gente percebe que é protagonizado por uma personagem albina e as pessoas que convivem com ela, tanto seus amigos quanto seus pais e pessoas que vão aparecendo no decorrer do livro, são todas negras. Em alguns momentos eu me perdi na história, mas, ao mesmo tempo, é ótimo ficar perdido nesse livro, tudo fica melhor, o universo do livro é sensacional e cada página que eu passava eram mais descobertas sobre esse mundo e cada vez mais eu me apaixonava pela Chichi, ela é maravilhosa. Quando chegou na luta contra o vilão da história eu me decepcionei um pouquinho, mas continuo falando que o livro é incrível.

Estava à procura de um livro que me representasse, um livro que me mostrasse mais uma vez que o que eu sinto é normal. Queria me sentir válida, foi aí que eu encontrei uma obra de arte escrita por Elayne Baeta, “O amor não é óbvio”. O livro é narrado por Íris, que estava em seu último ano na escola. Ela ama ver novela com uma senhora que é sua vizinha e um dia ela começa a investigar uma garota que estava se relacionando com a ex-namorada de Cadu, o menino que Íris gostava. Como era de se esperar, aos poucos Íris vai se apaixonando por Édra, a garota que ela investigava.

Esse livro é muito especial para mim. Eu amo muito a Édra e a Íris, acho que se sentir representado em um livro é algo muito importante, “O amor não é óbvio” me fez me sentir representada. Ver a Édra e a Íris juntas foi muito importante para a minha autoaceitação. Apesar da gente saber o quanto isso é normal, sempre tem uns

momentos que nos desafiam... Quando eu li o livro eu me senti aliviada, era o que eu estava precisando ler.

Teve um momento específico do livro que me marcou profundamente, a formatura da escola. A Édra foi para a formatura de terno, como a Íris sabia que uma garota da sala iria fazer piadinha com isso ela enviou e-mails para todas as suas colegas de turma e todas elas foram de terno para a formatura, assim elas iriam acompanhar a Édra. Eu lembro que quando eu li essa parte os meus olhos brilharam, é uma parte muito fofa e com um grande significado para mim.

Hoje em dia leio até fanfic, amo as adaptações que as pessoas fazem das séries e animes, eu posso revisitar os universos que tanto amo e ao mesmo tempo vejo outras possibilidades para uma única história. Também gosto das fanfics que focam em algum casal que eu gosto, pode ser canônico ou não. 2020 foi o ano que eu mais li livros em toda a minha vida, foi uma experiência muito boa. Agora eu tenho livros que me representam e eu finalmente consigo dizer que eu amo ler.



A arte de folhear as
cores



Celestino 1B

A ARTE DE FOLHEAR AS CORES

Celestino Vieira

Todos os livros possuem alma. A alma de quem o escreveu, e a alma dos que leram, viveram e sonharam com ele.

A Sombra do Vento, de Carlos Ruiz Zafón

Pelas nuvens de tinta colorida ou As cores concretas

“Eu quero encontrar as borboletas”

Big Bang, Fxxk it.

Fazer coisas novas pela primeira vez sempre é comemorado, são acontecimentos que há sempre alguém do nosso lado aplaudindo as nossas conquistas. Até mesmo as pequenas coisas como escovar os dentes sozinho ou descascar uma batata (mesmo que você tenha se cortado e descascado super mal, pelo menos um “Muito bem!!!” você irá ouvir).

Eu consigo lembrar do primeiro filme que assisti no cinema: A Lenda dos Guardiões. Nem me lembro mais qual era a história do filme, mas lembro-me de ser uma criança magrela sentada na poltrona felpuda enquanto comia pipoca doce, atenta ao filme.

Mas eu não consigo lembrar a primeira vez que eu li um livro ou da primeira palavra que eu tenha lido sozinho. Talvez porque as coisas que você aprende a longo prazo acabam não tendo um momento específico que você consiga realizar. Uma hora você abre um livro e percebe: “Nossa!!! Eu sei ler!”.

A infância também marca a gente. Nos hábitos, na forma como nos expressamos, nos nossos gostos e coisas do tipo. Grande parte dessa influência é da família e da escola. Minha mãe é engenheira

cartógrafa e sempre gostou de desenhar, e sempre desenhou muito bem, coisa que me fez ter um pezinho nas artes plásticas e gostar de me expressar através dos desenhos coloridos da infância. Inicialmente uma casa, um cavalo, uma flor e uma árvore, com o tempo esses desenhos foram ficando mais complexos e deixaram de usar essas cores berrantes, esses tons de amarelo colorido, o vermelho bem escarlate, o verde bem brilhante e o azul bem intenso. Meus desenhos foram abrindo portas para o cinza, os diferentes tons de cinza, tons de ocre, tons de rosa, de roxo e de laranja. Não gostava mais de representar casas e lagos, queria representar as pessoas, o que elas faziam, o que elas comiam, o que elas brincavam. Aos poucos comecei a desenhar quadrinhos infantis, inspirados na Mafalda, na Turma da Mônica e no Hagar. Nunca fui muito fã de super-heróis, achava eles sem sentido, já que não existiam grandes vilões no mundo real, não precisaria de grandes heróis com superpoderes e coisas parecidas.

Também não gostava dos desenhos da Barbie, eu não tinha paciência para assistir, gostava mesmo era de assistir programas que falavam sobre cavalos selvagens e hipopótamos assassinos. Esses programas fizeram com que eu criasse uma grande ligação com os animais de forma geral, e acho que essa relação se intensificou quando tivemos que doar o meu gatinho (chamado de Carlinhos), coisa que me deixou bem triste porque eu amava o felino.

Quando perdemos algo que realmente gostamos temos a tendência a dar mais valor àquilo, e foi talvez o que tenha intensificado a minha vontade de ter um pet. Mas a minha família, naquela época eu, minha mãe, meu padrasto e um bebê com alguns meses morando em um apartamento não teríamos condições de ter um animal daqueles. E foi assim que compramos um peixe. Um beta macho, bem azul, chamado de Azulão (eu tinha uma criatividade muito grande para nomes). Semanas depois ele morreu de hipotermia.

Nessa época eu já me interessava mais por livros, gostava de ser um irmão responsável que contasse histórias infantis para o bebê risonho. Colocava ele no meu colo e abria os livrinhos de bichinhos e ia lendo-os para ele.

Outra coisa que talvez tenha me deixado com um “gostinho de quero mais” em relação aos livros é o fato do meu padrasto escrever alguns. Lembro de uma entrevista que ele fez no apartamento, onde eu fiquei observando escondido atrás da porta ele respondendo as perguntas sobre o novo lançamento dele.

Me deu uma vontade muito grande de ler os livros dele, embora os livros dele não eram para uma criança de 7/8 anos de idade. Mas eu li mesmo assim. Não entendi nada e fiquei triste. Ele me consolou e disse que iria escrever um poema para mim que eu pudesse entender. Na semana seguinte ele apareceu com um quadrinho emoldurado com os seguinte dizeres:

Hora do Céu

A menina do tic-tac
olhou no relógio do céu
para saber em qual hora
as estrelas todas em roda
cobririam a lua de mel.

O quadrinho está pendurado em cima da minha cama até hoje.

A monocromacia dos livros ou as cores imaginárias.

*Na manhã seguinte o violinista toca amarelo e
o poeta escreve violino.*

Na mesma época eu comecei a aprender a tocar violino, porque minha mãe considerava muito importante eu aprender a tocar um instrumento e me concentrar nisso, me entrosar com a música e melhorar a minha concentração (não sei se ajudou muito, mas pelo menos eu sei tocar violino).

Lembro de uma noite sair com o meu pai para jantar e levar o meu violino junto e começar a tocar no meio da praça de alimentação do shopping, sem ter o mínimo de vergonha, errando muitas notas, dançando com o instrumento, com a postura toda torta. Hoje em dia eu nem consigo tocar para os meus amigos que eu já me suou todo e fico tremendo.

Minha relação com o meu pai era um tanto conturbada, minha primeira lembrança com ele foi justamente nessa noite que eu paguei aquele mico. Meus pais são separados e não se falam, eles meio que “se odeiam”. Mas enfim, eu não me lembro do meu pai antes dos 8 anos de idade. Ele mora em outro estado e nos vemos...1 vez por ano?

Nessas vezes que nos víamos eu ia a Porto Alegre passar duas semanas com ele. E toda noite ele me contava histórias das aventuras de Tibicuera, um menino indígena. Personagens como Tupã, Lua e Jatobá eram os meus preferidos para me embalar nas noites abafadas da capital do Porto colorido. Eu gostava de imaginar os personagens, associando eles com a minha família (meu pai é uma mistura de negro e indígena) e ficando feliz ao entender que meus antepassados foram essenciais para a historia do Brasil e muitas descobertas, mesmo que algumas sejam apenas histórias inventadas por ele. Anos depois descobri que Érico Veríssimo havia escrito esse livro sobre o menino indígena chamado Tibicuera.

Comecei a devorar livros, muitos livros. Principalmente os infanto-juvenis como Moby Dick, Dom Quixote e outros clássicos de

leitura que envolvessem personagens incríveis, mistérios e aventuras boas, sem deixar de ter uma pitada de romance. Particularmente gostava de livros que envolvessem detetives como Sherlock Holmes, Maigret e o sinistro Dupin. Livros que envolvessem o mar e aventuras marítimas também, e aqui tivemos uma febre de Julio Verne e clássicos marítimos antigos.

Mas não pense que eu não devorava autores brasileiros. Luiz Fernando Veríssimo, Machado de Assis, Caio Riter, Clarice Lispector, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz e muitos outros, cujas paredes de minha casa são totalmente preenchidas por livros deles.

Eu não assistia filmes, nem séries, nem desenhos, passava o dia todo lendo no meu tempo livre. Só pensar que eu conseguia entrar dentro das histórias, entender as angústias de outras pessoas, viver outras coisas que eu não conseguiria fazer fora do papel era algo tão incrível e mágico. Ser marcado por livros e lembrar deles é algo tão lindo, uma sensação boa de nostalgia...

Um livro que eu li e me marcou muito foi “ Beleza Negra, a autobiografia de um cavalo” . Juro que não é livro de louco, mas é realmente um cavalo narrando a sua vida. E o livro é incrível, uma visão de um cavalo sobre a própria vida, os pensamentos, as relações do animal com os humanos... Mesmo que seja ficção, é tão incrível.

Desde pequeno gostei de imaginar as coisas, preferia os livros do que os filmes, as histórias faladas do que as desenhadas. Meu padrasto disse uma vez para mim que isso era importante, porque a minha geração anda com dificuldade de descrever ambientes, objetos e sensações, preferido mostrar isso através de fotos ou algum diagnóstico na internet.

No ano de 2014 minha mãe recebeu uma proposta para fazer o pós-doc em Portugal, só que o ano letivo em Portugal começa em setembro, e eu tinha acabado de terminar o terceiro ano, iria entrar no

final do quarto lá (iríamos viajar em fevereiro do ano seguinte) então meu padrasto pegou o cronograma de ensino do quarto/quinto ano e começou a me ensinar. Em 3 meses eu aprendi todos os tempos verbais, acentuação e outras regras de ortografia que eu nem sabia que existiam.

Chegando em Portugal eu entrei no terceiro ano de novo (emoji de palhaço), mas pelo menos eu tinha aprendido bastante coisa e a minha adaptação foi mais fácil. A experiência fora do país foi fundamental para eu saber quem eu sou atualmente, e conhecer novas pessoas e adquirir conhecimentos de outros lugares. No final do ano eu voltei para o Brasil.

Os livros sempre se mostraram presentes na minha vida, a letra escura contra o papel branco, os personagens que iam se mostrando ao longo do enredo. Aqueles símbolos estranhos contêm um poder de você criar um mundo todo seu, com os seus vilões, seus personagens, cenários, mundos, leis, contextos. Você é basicamente um deus, naquele universo você faz o que quiser. Parece até loucura, não?

As cores dançantes ou os tons de herói

*De onde o seu sangue vem é onde é o seu lugar
Eu já vi o brilho ficar mais apagado
Eu não vou passar a minha vida sendo apenas uma cor*
Michael Jackson, Black or White

Minha relação com a literatura mudou bastante desde que eu me tornei um adolescente. O que isso significa? Que eu comecei a ter outros interesses, a buscar novas fontes de ficção. Algumas séries diferentes que tinham histórias mais reais, filmes baseados em livros que me faziam pensar mais, assuntos polêmicos, militância. Eu estava

descobrir o mundo real, e que ele não era povoado pelo Harry Potter e nem por cachalotes brancas assassinas.

As minhas relações tinham mudado, meus amigos tinham mudado e seus interesses também. Comecei a me questionar mais sobre quem eu era, do que eu acreditava e o que eu queria para o meu futuro.

Outra coisa que ocorreu nessa época foi a minha ligação mais intensa com a música. Conheci artistas novos e aprendi músicas novas, saindo do ninho de meus pais e começando a desenvolver um gosto próprio. A mesma coisa com estilo de filme, série e até mesmo pessoas.

Comecei a me interessar muito por cinema, pesquisar sobre o assunto, prestar atenção nos pequenos detalhes, reassistir as cenas, prestar atenção na sonoplastia, na fotografia, nas cores, nos ângulos, no enredo, nas expressões... Eu queria ser diretor. Criar o filme, ver ele nascendo e crescendo, ver sua história se desenvolver. Participar do seu processo de criação e ver ele ser concluído. Querer contar a minha história e a de outras pessoas.

Acredito que a Literatura foi essencial para eu chegar em quem eu sou hoje, saber com confiança o que eu sou e assumir isso para o mundo. Ter as coisas em mente e querer realizá-las, se imaginar em uma aventura e cumprir todos os desafios. Ainda sou jovem, tenho bastante caminho para percorrer até lá, mas fico feliz por eu saber ser eu e também que há um mundo lá fora, e por mais terrível que ele seja quero fazer diferença, não ser apenas mais uma pessoa juntando-se a todas as outras.

Eu tanto gosto de bancar o herói diferenciado, mas no fim acabo esquecendo que não vivo dentro desse mundo de ficção, mas sonhar nunca é algo ruim, não é mesmo?

L I T E R Á R I A S

E

Nome: Kauã Leonardo

M

Turma: 1ºA

B

R



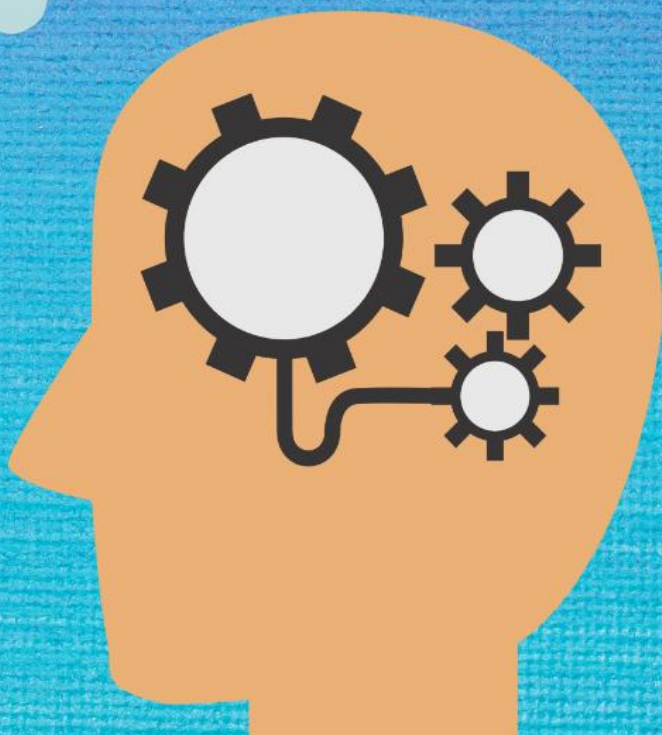
A

N

Ç

A

S



LEMBRANÇAS LITERÁRIAS

Kauã Leonardo Souto da Luz

De luar, Libra

Em nome de Deus, me dê alguma alternativa plena

Dois lados da mesma moeda, do mesmo poema

Que pena, que pena

Xamã, Neo Beats, Libra

Big Bang

Parece claro, mas vou começar esse texto do começo, do início da minha vida. O meu primeiro contato com a leitura eu acredito que foi na creche, quando mesmo sem entender o que as pessoas falavam eu já estava lá, absorvendo uma história que eu nem lembraria e provavelmente era sobre uma princesa que foi salva por um príncipe, ou Chapeuzinho Vermelho e alguns clássicos da literatura infantil. Afora a famosa música do alfabeto, que deve ser conhecida por grande parte dos brasileiros. Mas além desse contato no jardim-de-infância, eu me recordo das leituras feitas pela minha mãe. Ela sempre lia um livro chamado “A bíblia dos meninos” (Carolyn Larsen), e que se não me engano são 365 histórias religiosas para serem contadas a cada dia do ano. Foi um dos poucos contatos que eu tive com o catolicismo e religião em geral.

Sem contar as revistas e jornais que as vezes eu pegava em lugares como o dentista para me distrair. Na maioria das ocasiões o conteúdo era maçante, mas é o que eu tinha para se divertir no momento e geralmente eu via apenas as imagens ou resolvia palavras cruzadas com meu pai. A relação da maior parte das pessoas da minha família com a leitura não é muito boa, e digo isso pois nunca vi ou

escutei falar de tios ou tias que gostassem de ler, exceto minha mãe que de vez em quando gosta de ler uns livros, e minha prima que tem apenas oito anos e já devora vários livros. Só não sei quem ela puxou, mas espero que continue assim.

O meu primeiro contato com uma obra por escolha própria foi na escola, em meus primeiros anos escolares, quando a professora nos dava a oportunidade de ir na biblioteca e escolher livros para levar para casa. Normalmente eu escolhia os que retratassem curiosidades sobre o mundo, ou algum exemplar que envolvesse ficção científica e histórias sobrenaturais, sempre me interessei por esse conteúdo. Tanto que o primeiro livro que eu ganhei foi o “Óvnis, eles estão entre nós”(On Line Editora, Curiosidades On Line Editora e Astronomia On Line Editorafala), que fala sobre supostos casos de alienígenas em nosso planeta, um pouco sobre as teorias e etc. Recordo-me também das rodas de história que tínhamos no ensino fundamental, eram momentos muito bons, pois não era apenas um professor lendo, vivíamos um momento bem organizado, com um cenário e etc. E eu até gostava dos textos e viajava bastante no mundo da imaginação.

Já teve a vez que tive a oportunidade de conhecer a autora do livro “Sou lobo, sim. Mau? Nem pensar! ” (Maria de Lourdes Krieger). Que foi no colégio nos entregar o livro, contar a história e autografá-lo, achei bem interessante a visita, apesar de não memorar muito do momento. Mas me recordo da parte em que fala sobre os lobos e nos mostra o lado bom sobre este animal, e lembra que eles não são os vilões que mostram na maioria dos casos. E é claro, tive os momentos em que peguei livros que estavam na moda, como Diário de um Banana de Jeff Kinney por exemplo, que conta a história de um adolescente que não é muito popular, tem brigas com o irmão diariamente e etc. Nessa época eu estava entre o 5º e 6º ano, um momento em que eu queria sempre estar andando com os “populares” e ser um também, uma fase que todo mundo devia pular, a de tentar se encaixar em um padrão.

Caindo na realidade

*Ai, amor
Eu tenho tanto pra falar
Você conhece o meu navegar
Uma parte de mim tem medo e outra parte quer ficar
Eu sou pro que der e vier
E se for pra ser, seja o que Deus quiser*
Coringa, João

Cheguei no Ensino Fundamental, o tempo em que foi o meu auge literário, foi nele em que eu li as melhores obras da minha carreira literária. Vamos ao início da história. No começo do sétimo ano, quando recém tinham voltado as aulas, uma professora substituta entrou no colégio. No primórdio de seus ensinamentos, a relação da nossa turma com ela era muito ruim, mas em questão minha nunca tive nada de pessoal, eu até gostava bastante dela e o que ensinava. Mas foi seu planejamento acadêmico que fez com que eu mudasse completamente a minha relação com livros. Ela nos apresentou diversos exemplares para começarmos a ler, e uma das primeiras vezes que fez isso ela fez a inclusão de ficção científica, com o “O Orfanato da Srta. Peregrine Para Crianças Peculiares” (Ransom Riggs), do qual gostei bastante por me fazer mudar algumas opiniões sobre a leitura, como o fato de antes eu achar que nunca leria algo muito grande na minha vida.

Mas foi depois de um tempo, tive que fazer outra escolha e comecei a ler Romeu e Julieta, um dos clássicos shakespearianos. Quando eu peguei esse modelo em minhas mãos não acreditei que seria algo legal de se folhear, e só por ter o nome Shakespeare relacionado, eu já pensei em algo velho, complicado e difícil de compreender. E foi aí que me surpreendi, pois quando o terminei, além de perceber que estava chocado com o fim trágico de sua história, eu me peguei com saudades de lê-lo, tanto que tive que dar duas lidas nele.

Eu nunca tinha sentido isso por um livro antes, fiquei impressionado. Acredito que ele foi uma porta para começar a experimentar outros textos dramáticos e diferentes que as vezes visualmente eu não leria ou nem tentaria abrir uma página. Ao decorrer do ano eu fiz uma peça sobre o drama e foi bem divertido, gostei muito da experiência de ter que fazer um roteiro em cima disso.

Uma nova leitura marcante que conheci no Ensino Fundamental, mas um ano depois, foi quando estava no oitavo ano se não me engano, e por indicação de outro professor lemos “Capitães da Areia” de Jorge Amado. Por vista e lendo a sinopse do livro eu já me familiarizei com ele e achei que seria uma boa folheada, me surpreendi novamente. Pois além de ser um bom livro, eu quis ter uma experiência nova de leitura, que era ler e escutar um audiolivro do mesmo, e eu adorei a experiência, pois parecia que eu estava dentro dele, conseguia imaginar os meninos correndo na praia, os trovões de Ogum e etc. Foi um livro bem marcante que lembro até hoje da sua história e das minhas imaginações quando eu o lia.

Nesse mesmo ano um livro bem relevante que li foi “Quarto de Despejo”, escrito por Carolina de Jesus. O texto em si eu gostei como um todo, e por mais contraditório que seja eu não gostei da parte de ser um diário, pois apesar de ter bastante conteúdo interessante, às vezes tinha uma sequência de história muito maçante por ser bem constante e repetitivo. Mas no fim da leitura eu fiquei bem reflexivo sobre diversas questões da vida. Não quero ser dramático mas acredito que ele me mudou como pessoa, para melhor, e isso aconteceu nem que foi um por cento, mas foi alguma coisa.

Lemos também de “O menino no espelho” (Fernando Sabino). Admirei bastante o surrealismo desse livro e achei sensacional a relação que ele faz entre adulto/criança. E apesar de algumas dificuldades, teve momentos que eu até sentia inveja de Fernando, o personagem principal que foi substituído por o seu reflexo no espelho. Porque às

vezes a gente só quer uma outra pessoa igual a nós para nos substituir em um dia cansativo ou estressante e, ao mesmo tempo eu penso que isso não seria bom, pois tem momentos que independentemente de ser bons ou ruins, eles são cruciais para fazer a gente ser quem somos.

Sem você, nada é possível

*Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder*
Tempo perdido, Legião Urbana

Chegamos então ao remate dessa jornada. Gostaria de encerrar falando de um último livro bem reflexivo. O diário de Anne Frank, que por ser um diário é de sua própria autoria. O relato nos conta a história e a rotina de uma jovem de 15 anos que vive escondida de nazistas na segunda guerra mundial em um cômodo atrás de um guarda-roupa, junto com sua família e alguns amigos. Mas infelizmente faleceu em um campo de concentração de Bergen-Belsen. Percebo hoje em dia que Anne e nós nesse momento estamos vivenciando um confinamento, e claro que não estamos vivendo o mesmo que ela, nem perto disso.

Mas eu penso na questão de que a nossa casa se transformou em escola, lugar de lazer, às vezes cinema etc. Assim como Frank vivia, tendo amores, estudando, tudo dentro de casa. Podemos perceber também como isso é difícil, temos que conciliar tudo em um só ambiente. Eles viviam basicamente um Big Brother Brasil, mas sem querer estar lá. Precisava ter uma cabeça muito forte para não surtar dentro daquele ambiente, tendo que conviver com personalidades diferentes e o medo de ser descoberta a qualquer momento.

Gostaria de fazer uma reflexão aqui, como seria se não tivéssemos os livros, sem o poder de escrever e registrar momentos ou criá-los? O que seria de Jorge Amado sem os capitães, e da Anne sem poder se expressar em seu diário, ou melhor, o que seria de nós leitores sem poder ler textos incríveis ou conhecer mistérios da vida ou de nossos antepassados? E isso é muito doido, poder adquirir qualquer conhecimento com tinta e papel. Eu acredito que eles às vezes podem ser um refúgio para quem está cansado da nossa realidade, pois basta você abrir um pedaço de escrito para entrar no universo que você quiser. E um mundo que eu entrei e me diverti bastante foi quando li A ilha misteriosa de Júlio Verne, que conta a história de um grupo de amigos que descobrem uma ilha e lá eles vivem diversas aventuras com uma biodiversidade bem diferente da nossa realidade.

Encerro então dizendo que na minha vida, se eu não tivesse lido nenhum livro provavelmente não seria a pessoa que sou hoje, e não viveria muitos momentos felizes, como minha mãe lendo para mim, ou os momentos com meus colegas e professores no ensino inicial, além dele ser importante para a alfabetização.

End.



*¿Que no mundo nos
fascina?*



O QUE NO MUNDO NOS FASCINA?

Bianca Luz Magalhães

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.*

Metamorfose ambulante, Raul Seixas

A dependência literária vivida por todos

*Não tenho medo do escuro, mas
deixe as luzes acesas.*

Tempo perdido, Legião Urbana

A leitura sempre esteve presente na vida de todos nós, mas quando nos questionam sobre nossas memórias literárias, logo buscamos títulos e histórias de livros perdidos em nossos subconscientes. Nós reduzimos histórias aos livros, mas elas não se limitam a isso. Nossas vivências são histórias, músicas são histórias, pequenos textos online são histórias, uma simples troca de mensagens conta uma história.

Quando ainda somos muito pequenos, dependemos de outras pessoas para ter experiências com a leitura, e as minhas começaram cedo. Meus pais quase todas as noites liam livros infantis para mim antes de dormir, como “A chapeuzinho vermelho”, “A princesa e o sapo” e outros clássicos que buscavam ensinar valores para as crianças de uma forma suave.

Como minha família é católica, desde pequena eu frequentei igrejas e tive muito contato com a religião. Durante minha infância meu livro preferido era “Bíblia para crianças”, o qual venho guardando até hoje. Acredito que nessa época meus pais tenham lido esse livro para

mim mais de 10 vezes, sempre gostei muito dos desenhos contidos nele e das histórias. Eu criava meus próprios significados para o que aquelas páginas continham, por isso gostava tanto.

Um dos meus livros infantis preferidos, que conheço desde pequena e adoro a lição que ele passa, é “O patinho feio” de Hans Christian Andersen, porque ele nos ensina que quando nos sentimos deslocados em relação a lugares ou até mesmo pessoas, não é porque somos errados, e sim porque estamos no lugar errado, onde não nos encaixamos, não nos identificamos com as pessoas, ou até porque essas pessoas não nos deixam ser quem somos, querem que nos espelhem nelas, para assim sermos aceitos em seu “grupo”. Mas isso faz com que percamos nossa essência e conseqüentemente percamos a nós mesmos. No entanto, no livro, o patinho feio acaba achando um lugar ao qual pertence e é acolhido, mas na vida real nem todos acham o seu lugar.

Meu estilo musical preferido enquanto pequena, até hoje de certa forma, é o sertanejo. Eu e minha família sempre gostamos de cantar e brincávamos de karaokê em algumas noites, músicas como “Evidências”, “Página de amigos”, da dupla Chitãozinho e Xororó, e “Pássaro de fogo” da Paula Fernandes, eram cantadas com frequência. Mas a minha música preferida, que não podia faltar nas noites de karaokê era “Chuva” da dupla João Bosco e Vinícius, não sei exatamente por que gostava tanto dessa música, mas até hoje, sempre que canto, fico animada.

Somos muito influenciados pelos gostos, tanto musicais quanto literários, das pessoas com quem convivemos, principalmente na infância, e assim acabamos tendo os mesmos gostos que nossos familiares.

Para além da porta de casa

*O final do conto é triste enquanto o mal não vai embora,
o bicho papão existe, não ouse brincar lá fora.*

Canção infantil, MC Cesar

Com cinco anos, iniciou-se uma nova fase em minha vida. Eu entrei no Osvaldo Machado, uma escola que fica perto da minha casa, onde meu irmão e minha irmã já estudavam. Acredito que a partir disso minhas leituras se intensificaram, por conta das rodas de leituras realizadas uma vez por semana na biblioteca da escola. Desde o primeiro ano, os professores sempre nos incentivaram muito em relação à leitura.

Uma das músicas que certamente marcaram a minha infância foi “Aquarela”, do Toquinho. A primeira vez que ouvi e assisti ao clipe foi na sala de aula da Prof. Célia. Ainda não tinha uma sala de vídeo na escola, nós usávamos uma TV de tubo presa em um suporte de ferro grandão de rodinhas que um dos professores levava de uma sala para outra, sempre com certa dificuldade por conta das rampas rachadas e rodinhas ruins. Depois de colocar a TV na sala, assistimos o clipe e fizemos a atividade de tentar desenhar um guarda-chuva com dois riscos, assim como falava na música, quando eu fiz a atividade não consegui ver um guarda-chuva no desenho.

Só aprendi a ler no segundo ano da escola, e foram as brincadeiras de escolinha em casa, onde minha irmã era a professora, juntamente com a escola de verdade, que me fizeram aprender. Tenho certeza de que se não fosse pela minha irmã eu teria demorado mais, isso porque sempre fui um tanto quanto preguiçosa, e as brincadeiras deixavam o aprendizado mais leve.

Depois que aprendi a ler, comecei a gostar mais de ir à biblioteca. Ela era dividida por estantes e sessões. A dos livros infantis ficava ao lado da estante de livros juvenis, e não era permitido que as crianças

pegassem os livros dessa estante, mas tomados pela curiosidade acabávamos sempre pegando os livros juvenis escondidos das professoras para ler um pouquinho.

Um dos livros infantis que me deixava com medo é “Barba Azul”, um conto de Charles Perrault. Acho ele até um pouco pesado para ser um conto infantil, mas algumas adaptações suavizam a história. Sempre que me lembro desse livro, penso que até hoje coisas assim acontecem com muitas mulheres. Claro, estamos em tempos diferentes do qual se passa a história real, mas até hoje mulheres são maltratadas, muitas vezes são até assassinadas, por seus companheiros e ex-companheiros. Ainda tenho medo dessa história, porque eu sei que ela deixou de ser apenas uma história e se tornou a realidade de muitas mulheres.

Nessa época, os meus livros preferidos eram os gibis da Turma da Monica, porque eu gostava bastante do desenho animado, e porque minha irmã sempre leu esses livros, o que acabou fazendo com que eu criasse uma certa curiosidade em relação a eles. Além disso, gibis são mais fáceis de ler, então sempre terminava rápido. As outras crianças da escola sempre pegavam livros maiores, com histórias diferentes, mas eu não lia tão rápido quanto elas, por isso sempre escolhia livros que sabia que conseguiria terminar a tempo, nesse caso, os gibis. Acredito ter lido todos os da Turma da Mônica que tinham na biblioteca.

Na sexta série, meu último ano no Osvaldo Machado, lemos nas aulas de Língua Portuguesa, dirigidas pela professora Elivânia, o livro “O botão grená” de Luana Von Linsingen e Rosana Rios. Achei muito legal a iniciativa dela de trazer um livro que falasse da nossa própria cidade. Desse jeito, ao ler o livro fomos associando os locais que já conhecíamos com os da história narrada. Ao terminarmos de ler o livro, fizemos um passeio escolar até Santo Antônio de Lisboa, no norte da ilha de Florianópolis, local onde se passavam as principais partes da história. No passeio foi como se toda a história estivesse acontecendo bem na minha frente, por isso sempre me lembro desse livro.

Em 2017, ainda no sexto ano, comecei a ouvir músicas de rap, principalmente da 1kilo, um conjunto de rappers brasileiros que gravam músicas sobre amor, política, discriminação e suas vivências. Sempre gostei das músicas porque falavam de assuntos que eu não costumava ouvir e porque me apresentavam realidades diferentes da minha.

Novas oportunidades

Eu vejo o futuro repetir o passado.

O tempo não para, Cazuzu

Em 2018 eu mudei de escola, comecei a estudar no Colégio de Aplicação, o que acarretou uma mudança geral na minha vida. Minha rotina se alterou por completo. Eu, que sempre estudei de manhã, tive que começar a estudar de tarde e me adaptar a isso. No começo foi difícil, eu tinha bastante medo, porque achava que seria muito mais puxado do que no meu antigo colégio e também porque nessa escola existe a possibilidade de repetir de ano, mas logo eu fui me adaptando e vi que não era esse pesadelo todo que eu imaginava. Foi tudo uma questão de ajustes, que no final deram certo.

Eu nunca gostei muito de ler. Sempre gostei mais de filmes e músicas, lia os livros necessários para escola, mas nada muito além disso. Em 2018, isso mudou, as opções de livros se expandiram, a biblioteca do Aplicação era maior e tinha mais livros que me chamavam a atenção.

Comecei a ler livros como “Cidades de papel” e “O teorema Katherine”, ambos do John Green. Gostei bastante desses dois livros dele, mas nesse mesmo ano comecei a ler “A culpa é das estrelas”, um dos livros mais conhecidos dele, e não cheguei nem a terminar, não sei exatamente o porquê, mas a história não me prendeu. Outro livro dele que não cheguei a terminar foi “Quem é você Alasca?”, porque me contaram o que iria acontecer, e depois disso perdi a vontade.

Li dois livros sobre diferentes experiências na Segunda Guerra Mundial, sendo eles, “O diário de Anne Frank HQ” e “O menino do pijama listrado” de John Boyne. Uma das obras traz uma visão da Segunda Guerra Mundial de dentro de um esconderijo e a outra traz uma visão geral do período, e das atrocidades vividas por muitos dentro de um campo de concentração. Não vou me aprofundar nas histórias, e sim no que elas deixaram em mim. Como em ambos os livros são contadas histórias de crianças, eu acabava comparando a vida deles com a minha, e pensando no quanto eu reclamo de coisas tolas e sem importância, enquanto muitos passaram, e passam, por situações pavorosas sem nem ao menos poderem reclamar.

Outro livro que me trouxe reflexões desse feito foi “Capitães da Areia”, escrito por Jorge Amado, no qual é narrada a história de um grupo de meninos que vivem nas ruas de Salvador que precisam roubar para sobreviver. Histórias como essas se repetem até hoje, e eu me pergunto o porquê disso. Pessoas com condições de ajudar passam por muitas crianças nas ruas e não fazem nada para melhorar sua situação, porque a ignorância e o egocentrismo delas são maiores do que sua empatia. E não apenas as pessoas individualmente devem ser responsabilizadas por esse abandono, o Estado deveria tomar providências para reverter às situações de pobreza as quais crianças são submetidas em nosso país. A preocupação em mudar as circunstâncias atuais devem partir de quem nos governa, nos diferentes níveis.

O fim do que mal começou

Histórias, nossas histórias, dias de luta, dias de glória.

Dias de luta, dias de glória, Charlie Brow Jr.

No tempo em que vivemos, tempo de pandemia, os dias de luta vêm sendo extensos e constantes. Travamos uma luta contra o Covid-

19, a qual ainda não chegou ao fim, e os dias de glória não estão perto de chegar. Ao ficarmos reclusos em nossas casas, começamos a usar mais ainda as redes sociais, e acredito que essa seja a forma mais “leve” que tenho de contato com a leitura.

No Instagram gosto de seguir páginas sobre diferentes assuntos, mas queria falar da página de uma mulher em específico, @pollyoliveirareal, que tenta nos mostrar a verdade por traz do mundo das redes sociais, onde nos é vendida uma ideia de perfeição inatingível, através de produtos e imagens enganosas. A Polly, uma mulher de verdade, nos mostra que acabamos nos espelhando em pessoas falsas, que apresentam corpos que não são os seus de verdade, porque desde pequenos nos foi imposta a ideia de que temos que ser perfeitos e nos encaixarmos nos padrões de beleza, que sempre acabam mudam. Essas pessoas falsas, ao invés de quebrarem os padrões e mostrarem seus verdadeiros corpos com orgulho do que são, decidem contribuir para a criação e perpetuação desses mesmos valores, fazendo com que outras pessoas se sintam inseguras ao se compararem com corpos irreais.

Nos tempos de pandemia, ler tem se tornado uma das minhas distrações preferidas. Gosto de sentar na varanda, colocar uma música calma, como “Por onde andei” do Nando Reis, sentir o vento, que às vezes leva as páginas fazendo com que eu me perca, e olhar a vista nos intervalos entre uma página e outra. Momentos como esses me proporcionam um pouco de paz em um mundo cheio de caos.

Ultimamente eu venho tendo mais vontade de ler e creio que essa vontade irá aumentar com o passar dos anos. Em minha visão ler, sejam livros, notícias, revistas, músicas, textos etc., é um ato que contribui muito para a formação de um indivíduo, porque a leitura amplia nossos horizontes e nos faz sair de nossas bolhas.

MINHA SEGUNDA E MELHOR REALIDADE

Vitória Alonso Florentino

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade

O que me compõe como leitora

As pessoas veem estrelas de maneira diferentes. Para aqueles que viajam, as estrelas são guias.

O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry,

Filha de um farmacêutico com uma assistente social, a leitura sempre esteve muito presente em minha vida, os retratos da minha primeira infância contam um pouco a minha relação com a literatura. Momentos registrados daquela época, ainda em câmeras digitais, mostram que desde o meu início a literatura andou junto com a minha evolução.

O meu primeiro livro, eu ganhei com alguns meses de vida apenas, eram livrinhos de plástico almofadados, daqueles impermeáveis e interativos, com ilustrações grandes e cores vibrantes que apesar de não conseguir entender o que estava necessariamente escrito, mesmo assim eu gostava muito de olhá-lo e explicar o que eu achava que estava escrito para minha mãe.

Quando os livrinhos de plásticos já não eram tão atrativos, minha mãe começou a ler todos os dias pequenas livretas de contos encantados para mim, algumas dessas histórias eu ainda consigo me lembrar, na época eu com certeza não dei muita importância, mas esses

foram os meus primeiros livros de papel, e até hoje eu consigo sentir a sua textura porosa nas pontas dos meus dedos.

Conforme o tempo passava, a leitura nunca me abandonou, minha mãe e meu pai sempre trouxeram as letras e a leitura como uma brincadeira, fazendo com que eu, inconscientemente, começasse a tomar conhecimento de algumas letras e seus sons, antes mesmo de entrar na pré-escola. Aos meus três anos de idade, ingressei no NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil) onde os livros e alfabetos era companhia cotidiana, em todas as partes (paredes, chão e até no teto) havia contato com as letras. Foi lá que fui incentivada a contar histórias, já que todas as semanas nos sentávamos em roda para ler livrinhos e cantar cantigas, mas confesso que não me lembro muito disso, porém volta e meia encontro umas fotos perdidas de mim nessas rodas.

Mesmo já indo para a creche, a minha família não parou de me incentivar com a leitura, e foi com uns quatro aninhos que meu pai me presenteou com seus gibis velhos da Turma da Mônica e eu me encantei tanto com aquele estilo de literatura, que podia ler e reler várias vezes as mesmas revistinhas. Até hoje, guardo um carinho muito grande pelas histórias em quadrinhos, pois eu tenho uma enorme memória afetiva com as lembranças que eu carrego com eles, além de que eu sabia que estava lendo as mesmas historinhas que meu pai lia na minha idade, ele revivia seus tempos de garoto ao me acompanhar na leitura.

Com seis anos, entrei para o Colégio de Aplicação, e junto com a minha matrícula, tive acesso ao lugar em que mais frequentaria na escola, a biblioteca. Lembro-me vagarosamente dos meus primeiros anos na escola, recordo que as professoras nos levavam em filas para a biblioteca, onde ao chegarmos tínhamos que permanecer na salinha pequena para escolher o livro que cada um leria na semana. Foi naquela mesma época que entrei para o grupo de contação de histórias, no qual todas as semanas, cada integrante escolhia uma história, decorava-a e a contava para o resto dos colegas na roda de histórias.

Quando estava no quarto ano do ensino fundamental, não conseguia mais achar algum livro que realmente me interessasse naquela salinha da biblioteca, a cada dia que passava eu queria mais e mais explorar o outro lado com os livros de gente grande, quando pedi pela primeira vez, a minha professora disse que eu não daria conta de ler livros tão grandes, mas isso só me deixou com mais vontade de tentar.

Lembro do dia em que instalaram uma máquina de empréstimos automáticos que permitia certa autonomia para pegar os livros, não precisávamos passar pela bibliotecária para pegá-los, nem para devolve-los, apenas cadastrávamos e os deixávamos em uma mesinha. Empolgadíssima, fui testar a máquina pela primeira vez, fiquei curiosa com os livros que alguns alunos maiores estavam devolvendo, e decidi olhar os títulos, um dos que me chamou muita atenção foi o livro “Querido Diário Otário” do autor Jim Bantom; obviamente peguei emprestado (na minha cabeça às escondidas) para ler-lo em casa. Pensando nisso hoje, acredito que essa minha primeira “leitura de gente grande” foi uma grande influência para meu gosto atual de leitura, até hoje em dia eu prefiro livros escritos em primeira pessoa ou diários ficcionais, porque me sinto muito mais acolhida por livros assim, é como se você fosse um confidente daquele personagem, e fica sabendo da história pelo ponto de vista dele.

Assim como todo mundo, todos os anos eu faço aniversário, e na minha festa de 10 anos de idade, no meio de todos os presentes, um livro entre os brinquedos me chamou a atenção, era o Best-Seller “Fazendo Meu Filme” da autora Paula Pimenta, de início eu não percebi, mas esse foi o primeiro romance que me pertencia, só que mesmo assim não me interessei pelo livro, e por um longo tempo ele ficou parado na estante, até que minha mãe decidiu ler-lo, e se apaixonou pela história; gostou tanto que comprou toda a coleção e terminou todos os livros em menos de uma semana.

Vendo como minha mãe gostou do livro, fiquei muito curiosa com a história, sempre ouvi o ditado que “a curiosidade matou o gato”, mas nesse caso, a curiosidade me possibilitou ler umas das melhores coleções de livros da minha vida, gostei tanto do jeito que a Paula escreve que fui buscar outros títulos de autoria dela, como a coleção “Minha Vida Fora de Série” (que ainda a autora não a acabou) e a série “Princesas” que são espécies de releituras das histórias das princesas da Disney. A Paula é uma escritora muito boa, o jeito como ela me cativa com a sua escrita faz com que eu termine seus livros em horas, por isso ela é minha escritora brasileira favorita.

Pelos olhos de uma adolescente

*Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida
a partir da leitura de um livro.*

Henry David Thoreau

Depois de ter uma experiência tão incrível com um livro que minha mãe me indicou, passei a valorizar muito mais a opinião dela para o que eu deveria ler, e por muito tempo ela indicava os livros e eu prontamente os lia, autores como Agatha Christie e Ken Follett eram as indicações dela. No entanto, um belo dia ela sugeriu o livro “Quarenta Dias” de Maria Valéria Rezende o primeiro livro que eu não gostei. Apesar de não simpatizar com a leitura desde os primeiros capítulos, eu me forcei a terminá-lo para ter certeza de que realmente não havia gostado da história, e realmente foi um livro que não conseguiu me cativar, com uma história confusa e sem um final definido esse livro com toda certeza esta na lista dos que eu menos gostei.

Mas uma experiência ruim não enterrou todas as experiências boas que eu tinha tido com a leitura, por isso não deixei de gostar de ler, e a cada vez mais a minha paixão pelos livros foi crescendo,

aumentou tanto que já não cabia dentro de mim, foi então que eu decidi criar um *instagram* de resenhas, @pelos_olhos_de_uma_adolescente, onde depois de ler um livro, tirava uma foto da capa e escrevia um texto na legenda da foto na qual descrevia a história do livro, o que eu achava dele e até mesmo dava uma nota. O projeto não durou muito tempo, mas ele foi muito importante para meu crescimento tanto como leitora quanto como escritora.

Junto a tudo isso, as leituras escolares continuavam a serem cobradas, por isso, era muito comum eu ler dois ou mais livros ao mesmo tempo, então enquanto eu lia “As reações de Narzinho” do Monteiro Lobato eu estava terminando a coleção “Poderosa, diário de uma garota que tinha o mundo nas mãos” de Sérgio Klein, muitos amigos achavam que era muita coisa, mas a leitura nunca foi um fardo pesado para mim, já que sempre interpretei como o meu momento de entrar em outra realidade para desfrutar de cada pedacinho da vida dos personagens e esquecer um pouco meus problemas reais (problemas que naquela época pareciam tão grandes, mas que hoje percebo o quão insignificante eles eram).

Toda a minha base como leitora me proporcionou uma boa interpretação textual, e com a prática acabei desenvolvendo uma capacidade de ler e entender as coisas sem muito esforço, por isso sempre terminei livros antes dos prazos que os professores passavam para finalizar, ainda mais se o livro me cativava, como aconteceu com os livros “Capitães da Areia” de Jorge Amado e “Feliz Ano Velho” do Marcelo Rubens Paiva, que com certeza foram uns dos melhores livros de leitura obrigatória que tivemos que ler.

Ainda falando sobre o Colégio de Aplicação, eu sempre tive muita admiração pela minha escola, porque além da maioria dos livros que eu tive acesso pertencerem a Biblioteca Setorial do Colégio de Aplicação, a minha trajetória como leitora foi muito bem guiada por todos os

professores incríveis que sempre me incentivaram a ler, escrever, e a seguir em frente.

Tempos de mudanças

*El futuro no es una página em blanco
es uma fe de erratas.*

Viento de exilio, de Mario Benedetti

Atualmente, em época de pandemia e de transformação, as minhas leituras também passaram por mudanças, passei a ler muito menos livros de romances, não só pela biblioteca estar fechada nesse longo período, mas também pelas matérias escolares estarem exigindo um diferente tipo de leitura dos alunos, um exemplo disso é a matéria de Iniciação Científica que tive no nono ano em 2020, a qual exigiu de mim muita leitura de artigos científicos, textos complexos e obras que já não me levavam a viajar para outras realidades, mas sim, refletir sobre a que vivemos.

Ao tentar numerar e nomear todas as obras que eu já li para fazer este trabalho, peguei-me em uma enorme nostalgia, as memórias afetivas que tenho com cada livro que eu já li são surreais. Na realidade, percebo que sempre estive rodeada de literatura, e por isso, foi um desafio e tanto escolher e lembrar aquelas que eu gostaria de trazer para esse texto. Comédias, romances, terror, aventuras, investigações, dentre muitos outros gêneros que são feitos para mexer com nossos sentimentos, realmente comigo, fizeram efeito, afinal, a literatura na minha vida é algo tão grande e tão importante, que gosto de pensar que ela é a realidade que eu pude escolher para meu refúgio.

Apesar de hoje em dia o acesso aos livros ser muito mais simples, através de Kindles ou até mesmo livros em PDFs, sinto-me tão distante da literatura como nunca estive antes, não porque o meu apreço aos livros diminuiu ou porque deixei de gostar de ler, mas sim porque a cada

etapa vejo que estou cada vez mais atarefada e sem tempo para esses momentos de lazer que antes eram tão comuns. Percebo que o processo de amadurecimento traz consigo muitas responsabilidades as quais devemos cumprir e muitas vezes deixamos de lado outras coisas que também gostaríamos de fazer, mas que não são prioridades naquele momento.

Este trabalho me fez perceber o quanto eu evolui em relação as minhas leituras, relembrar tudo aquilo que já li e/ou vivi foi uma experiência muito gratificante, percebo que na correria do dia a dia, muitas vezes esquecemo-nos de muitas lembranças que compõe nosso ser, e acredito que tomar consciência delas nos fortalece como pessoa em evolução.

VÁLVULA DE ESCAPE

Mariana Seemann Borges

Os livros... Eles me ajudaram a não perder totalmente a cabeça.

Liberta-me, de Tahereh Mafi

Para sempre juntas

Desde que nascemos somos guiados por uma linha de expectativas. Sempre ouvimos que não é certo seguir por outro caminho além daquele. O mundo é perigoso e nós não iremos conseguir voltar e achar o caminho correto. Siga a linha traçada pelos outros.

Desde pequena eu fui apresentada a um mundo de fantasias onde tudo podia ser resolvido com amor e amizade. Era incrível ouvir a minha irmã lendo aqueles livros e imaginar todos os cenários e possibilidades. Eu enxergava aquilo como uma válvula de escape que podia ser aberta sempre que as páginas eram folheadas. O circo não era nada comparado com a magia exibida pelos livros.

Lembro que minha primeira leitura foi de uma placa de um curso da faculdade: *moda*; fiquei quase cinco minutos fazendo o barulho de cada letra, juntando cada uma aos poucos, e então saiu. Fui bajulada a semana inteira, chegou até os ouvidos da minha professora, umas das primeiras crianças a lerem no primeiro ano, foi a experiência mais próxima de ser uma celebridade que já cheguei.

Os quadrinhos sobre proteção ambiental que ganhava do meu pai foram meus guias nessa aventura. Eu folheava as páginas mais pelos desenhos das onças e tatus mas acabava lendo uma ou outra frase. Eu não era muito fã de ler, gostava mesmo era de ouvir e assistir filmes, por exemplo sentada como uma coruja curiosa, eu era uma verdadeira

amante de histórias - mas já a leitura cansava meus olhos rápido demais.

Depois de um tempo eu perdi o interesse por ouvir as histórias, não gostava mais de pegar em nenhum livro após descobrir que podia repetir meu filme favorito só colocando o DVD e uma caixinha preta e apertando um botão. Aquilo havia se tornado a nova mágica que enchia a minha cabeça de possibilidades e ocupava meu tempo livre.

Geralmente a reviravolta é no final

*Ninguém é verdadeiramente honesto.
Mesmo se não mentirmos para os outros,
mentimos para nós mesmos.*

Lendário, de Stephanie Garber

Eu fiquei muito tempo me aventurando entre filmes e brincadeiras em campos de grama e dentro do mar. A leitura era a última coisa que passava pela minha cabeça naquela época - eu fui a típica criança que era fã de quadrinhos somente por causa dos desenhos e fui para uma criança que ouvia a palavra livro e já estava chorando e reclamando pelo resto do dia. Caso curioso de uma criança que queria se achar diferente entre o quarto e quinto ano.

Naquele meio tempo, eu só me aproximava dos livros quando era uma atividade obrigatória da escola ou quando eu fingia me interessar por um, na esperança de ter algum desenho ali no meio. Passar por essa transição de livros com muitas cores e figuras para livros cheios de parágrafos sem fim, divididos por capítulos, é uma mudança difícil para qualquer pessoa que ficou anos sem abrir um único livro por vontade própria.

A última série de livros infantis que me lembro de ter lido foi os da Fada Pérola. Essa série apresentava uma protagonista que a cada

livro tinha um pequeno problema para ser resolvido. O meu preferido era a Pérola e a Fada das Cerejeiras, porque entre todos os outros, esse possuía os desenhos mais bonitos e bem feitos.

O meu primeiro passo para a literatura juvenil foi o livro do Pequeno Príncipe, que li no sexto ano. Eu o havia lido anteriormente na escola no formato infantil, cheio de desenhos com uma escrita simples, mas o livro que eu encontrei na prateleira da minha casa não possuía desenhos ou aquela escrita com a qual eu estava acostumada, era algo novo.

Eu demorei para ler aquele livro, mas demorei mesmo. A escrita era diferente, eu não sabia o significado da maioria das palavras, geralmente acabava lendo na frente do computador para pesquisar o que significava cada uma das palavras, para enfim, conseguir entender pelo menos um parágrafo. Sem contar as descrições das cenas, era uma dificuldade maior ainda. O que diabos era um parapeito? O que significava sentir a brisa do amanhã? Qual era a diferença de um sorriso normal e de um sorriso doce? Por que eles escreviam daquela forma estranha que ninguém entendia?

Como os livros foram de “pulei saltitante entre as pedras” para “apressei meus passos enquanto desviava de todas as pedras no caminho”?

Quando o mel é bom a abelha sempre volta

*Volte para casa. Volte para casa e grite comigo. Volte para casa e
brigue comigo. Volte e quebre meu coração, se assim desejar.*

Apenas volte para casa.

A rainha do nada, de Holly Black

O sétimo ano passou como um clarão, eu só consigo nomear esse ano com uma única palavra. Lembrança. Eu havia feito amizade com

uma pessoa que era apaixonada por leitura, ela tinha uma estante inteira cheia de livros e conseguia contar a história de cada um deles, se lembrando de cada detalhe. Era estranho ela saber cada personagem e cada história única entre tantos livros - mal sabia eu que me tornaria essa pessoa mais pra frente. Eu não entendia como aquele amor por livros funcionava. Enquanto para mim eram apenas palavras, para ela, era um mundo totalmente diferente no qual se apaixonava ao ponto de chorar pela morte de algum personagem.

Ela havia ficado meses insistindo que eu lesse *O Canto mais escuro da Floresta*, dizia ser a minha cara, que eu iria me apaixonar e que poderia me emprestar o livro caso necessário, e assim foi feito. Eu não demorei muito para terminar o livro. Em duas semanas eu tinha lido todas as páginas, não parava de falar o quanto eu amava a protagonista e como tudo era tão bem feito que eu precisava de mais. Então, fui apresentada para *Silber: o primeiro livro dos sonhos*, uma trilogia alemã - por sinal, até hoje eu espero traduzirem os outros dois livros para o português - o livro era pequeno comparado ao anterior, já que é estilo de bolso, mas a história dele era tão fascinante como a outra, por fim fui induzida a ler *O menino que desenhava monstros* e naquele momento, tive a certeza que eu sou apaixonada por leitura.

Esses três livros foram a minha porta de entrada para um mundo de fantasias misturado com o sobrenatural. Eu me sentia em êxtase por toda aquela magia, principalmente por estar há tanto tempo sem ter contato com isso. Cheguei a me sentir estranha, no entanto, eu havia achado aquela válvula de escape novamente, só que dessa vez, eu era quem contava as histórias para as outras pessoas.

A luz pode ser encontrada até mesmo no mais escuro inferno.

Corte de Asas e Ruína, de Sarah J Maas

AMBIVALÊNCIA COM AS PALAVRAS

João Pedro Burnier Jacinto

Ler é sonhar pela mão de outrem.

Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz.

Fernando Pessoa

Uma infância fugaz

Um gigantesco emaranhado de lã, é isto que me aparece quando penso em como foi minha vida e rotina há alguns poucos anos, muitas memórias vagas, “*flashes*” e lembranças tudo muito bem misturado e bagunçado, vou tentar organizá-lo.

O Cebolinha, aquele da Turma da Monica, sempre esteve marcado na minha vida, grande parte disso se deve ao fato de ele ter ilustrado meu bolo de três anos. A festa do meu terceiro aniversário é a minha primeira memória mais ou menos estruturada, tudo anterior a isso são apenas “*flashes*”. Ao perguntar para minha mãe o porquê de o personagem de Mauricio de Sousa estar presente no meu bolo de aniversário, ela contou-me que costumava ler histórias da Turma da Mônica para mim e que o Cebolinha era meu personagem favorito, apesar de não poder confirmar isto por mim mesmo.

Os gibis sempre foram algo presente em minha vida, minha mãe costumava assinar uma revista que, a cada mês enviava um pacote com quatro revistinhas para minha casa: Tio Patinhas, meu preferido, Pato Donald, com várias histórias engraçadas, Mickey, que ocasionalmente conseguia ler algo que eu gostasse e Zé Carioca, que nunca li, nem tive interesse.

Outro tipo de literatura presente nesta época, foram os famosos contos de fada, que creio que todos já ouviram, como a história da Chapeuzinho Vermelho, dos três porquinhos ou do Pinóquio. Basicamente essa foi minha vida de leitor na pré-escola.

O tortuoso caminho

Um dos grandes diferenciais do Colégio de Aplicação da UFSC é a existência de uma biblioteca própria dentro das dependências da escola, por isso, nos primeiros anos do ensino fundamental costumávamos ir pelo menos uma vez por semana, gostava destas situações, pois, além de nos distrairmos e sairmos do tema principal da aula, conseguíamos exercitar um pouco a leitura, ainda que, nenhum fosse tão interessante.

Com meus oito para nove anos, ao chegarmos no terceiro ano, as matérias foram divididas em: Matemática, Português e Ciências, como resultado, quando íamos a biblioteca, com a professora de Português, o que pelo que me lembro era a cada duas semanas, sempre tínhamos que reservar um livro, levá-lo para casa, ler o mesmo e fazer uma ficha de leitura, algo que não gosto nem um pouco de fazer, pois não sou bom em fazer resumos e não gosto de ler por obrigação, apesar de entender a importância deste pontapé inicial. Algo que ajudava bastante neste ponto era que, de vez em quando, tínhamos leitura livre, quase sempre escolhia “Diário de um Banana” ou “Capitão Cueca”, dois livros que gostava, sendo o primeiro deles um dos livros que lembro que gostei de ler até o fim durante esta época.

Um dos livros que lembro de ter lido neste período foi “O Pequeno Príncipe”, durante o 5º ano, pra ser sincero não me recordo de muita coisa da história, além de um príncipe viver em um outro planeta com uma rosa e, um dia cair na Terra, por isso, gostaria de reler eventualmente, ou por conta própria ou por causa de algo escolar.

Segundo minhas memórias, ficamos neste esquema de fazer ficha técnica de livro até o fim do 5º ano, pois, me lembro que, no sexto comecei a ler “Reinações de Narizinho”, um livro de Monteiro Lobato, que se passa dentro do universo do Sítio do Picapau Amarelo. Ao virar um sextanista, durante algumas aulas de Língua Portuguesa, começamos a frequentar o Laboratório de Linguagens e lá foi onde li este livro, não lemos ele inteiro, mas foi interessante mesmo assim, novamente lembro-me de poucos eventos da história, porém o que nunca saiu da minha cabeça são os personagens principais, seus nomes e, o momento em que um besouro e um príncipe de um reino aquático, estão caminhando juntos sobre a ponta do nariz de Narizinho.

Provavelmente li mais algum livro até o fim do sexto ano, porém nada muito marcante para mim.

O crescente convívio com as letras

O sétimo ano, um ano de várias mudanças e do começo de um amadurecimento, também foi, para mim, um dos anos mais difíceis da escola, pois, além de começarmos a estudar mais profundamente somente uma língua estrangeira, várias das atividades propostas durante o ano foram bem mais complexas do que o normal e a matéria de Língua Portuguesa, se não foi a que mais causou este impacto, está pelo menos no pódio, no entanto, ele também foi um dos mais divertidos da minha carreira escolar. Durante o ano de 2018, li diversos interessantes, alguns famosos, outro por puro acaso do destino e um por indicação da escola.

Minha primeira leitura durante aquele ano foi “A Equipe do Olho Aberto”, um livro que contava um pouco da vida de alguns estudantes de Brasília e, pelo que me recordo participavam do grêmio estudantil do colégio onde estudavam, a leitura em si não teve nada demais, porém, o que achei bem divertido na época foi encenar uma parte do

livro junto com um colega, não sei se performamos bem em termos técnicos, mas conseguimos atingir a nota máxima e com certeza me marcou bastante. Durante julho deste mesmo ano, recebi uma das piores notícias que um aluno gostaria de receber, trabalho para as férias. Escolher um livro, ler e fazer um resumo, com mais algumas exigências, não gostei nem um pouco daquilo, porém não tinha o que fazer. Durante as férias, li o tal livro, escolhi um chamado “Raptado” de *R. L. Stevenson*, escolhi-o, pois, a sinopse me interessou, o livro não quebrou minhas expectativas e conseguiu me surpreender, gostei dele, então o trabalho chato não ficou mais tão chato. Já mais para o final do ano, em outubro mais ou menos, se me lembro bem, a professora pediu que lêssemos um dos três livros de Shakespeare indicados por ela, pois faríamos uma peça de teatro, infelizmente faltei as aulas daquela semana, então acabei ficando no grupo que leria “Otelo” e encenaria o mesmo, para resumir, foi, de longe, as piores semanas da minha vida dentro e fora da escola, apesar do livro não ser nem um pouco ruim, a incomodação com os integrantes da peça e a escrita do roteiro, que acabou caindo quase toda sobre o meu colo, foram as piores partes, porém deixemos isto de lado. Outro livro que lembro de termos lido uma parte foi “O Diário de Anne Frank” na sua versão em quadrinhos, a história de Anne é realmente bem pesada, mas, se você for uma pessoa mais resiliente quanto a isso, recomendo a leitura.

No oitavo ano lemos livros legais, se comparados com os outros que a escola costuma indicar, foram eles: “O Menino do Pijama Listrado”, “O Menino no Espelho” e “Capitães da Areia”. Quando penso hoje em dia em como foi a leitura da obra de Jorge Amado, autor do último livro citado, penso que evolui bastante como leitor após ter lido-o, porque, além de ter sido a maior obra que tinha lido até a época, o livro aborda diversas questões importantes como violência, que é aparente quando um dos personagens principais acaba indo para o bando de Lampião, o Rei do Cangaço. A história da vida dos meninos

que formavam uma gangue e viviam nas docas de Salvador, me marcou muito pois, após lermos, tivemos que, em grupos, fazer um podcast de mais de vinte minutos debatendo sobre as questões que o livro traz, discutimos sobre o que aconteceria se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), existisse na época, já que ele garante direito à ensino e escola, saúde, entre várias outras coisas, algo que não vemos acontecendo na história, já que ela se passa nos anos 30 e o ECA só foi criado em 1990.

2020, meu nono ano e o começo de uma pandemia global. No início do ano passado, comecei a ler “Feliz Ano Velho” do Marcelo Rubens Paiva, a mando do professor, porém com o começo da quarentena, tivemos nossa leitura interrompida por alguns meses, quando voltamos, com o ensino EAD, reatamos ela, pra ser sincero, só fui começar a achar o livro suportável depois da página oitenta e, gostar do mesmo, somente depois de cento e cinquenta e poucas páginas, o livro é uma autobiografia, então penso que as opiniões acerca dele podem variar bastante.

O começo de uma pequena jornada

A saga Harry Potter, o que dizer sobre estes livros, o que começou somente como uma leitura para fazer um trabalho, com a minha pessoa com uma expectativa média se transformou no maior sentimento de saudade que sinto no momento, saudade da história, dos momentos, dos personagens e, principalmente do sentimento de estar descobrindo algo incrível pouco a pouco, investindo meu tempo sem remorso nessa jornada, parte disso porque, como tinha que ler o livro para fazer um vídeo para a escola mesmo, não me sentia culpado de estar gastando meu tempo em algo prazeroso ao invés de estar fazendo algo “mais produtivo”. Li o primeiro livro, de pouco mais de 220 páginas em três dias, um tempo recorde pra mim, que normalmente,

após 20 páginas já estava cansado. Não sei se é o jeito como a autora escreve a história, mas adorei o livro e, como já tinha o box dele em casa há algum tempo, comecei a ler os outros. Todos foram maravilhosos, mas se eu fosse escolher um para reler agora, com certeza seria “Harry Potter e a Ordem da Fênix”. O quinto livro da série, com suas setecentas e poucas páginas, começa durante as férias de Harry na casa dos Dursley, que foi protegida por incontáveis feitiços somente para protegê-lo de Voldemort, que tinha renascido no final do quarto ano de Harry em Hogwarts. Após o incidente de Potter e seu primo com os dementadores, o protagonista é levado à base secreta da nova Ordem da Fênix, sediada no Largo Grimmauld nº 12, que anteriormente era a casa dos Blacks. Durante este ano a vida de Harry começa a virar uma loucura, seja por temer por sua vida, já que Tom Riddle está à solta, ou por ter que aturar Malfoy, Snape e principalmente Dolores Umbridge, uma das bruxas mais desprezíveis da história, em Hogwarts. O livro te traz diversos sentimentos, seja alegria, raiva ou tristeza, a última sendo bem presente no fim do livro, já que (alerta de spoiler!!!) Sirius Black morre, confesso que nessa hora caíram alguns ciscos nos meus olhos. Pelo que lembro o livro termina no começo das férias depois do quinto ano de Potter.

Após ler toda a saga em pouco mais de um mês, estava sedento por mais, mais do universo de Harry Potter, porém, como não existe, tive que partir pra outros, pedi de natal “O Hobbit” e a trilogia do “Senhor dos Anéis”, duas obras escritas por *J. R. R. Tolkien*, até hoje, só li “O Hobbit”, é um bom livro, recomendo para quem gosta de fantasia, porém ainda estava com vontade de ler, então decidi comprar “O Iluminado”, um dos clássicos de *Stephen King*, novamente, é um bom livro de mistério, suspense e com um pouco de terror, mas não era o que eu queria. Neste momento, minha busca por um outro livro como Harry Potter deu uma freada, ainda pretendo ler “O Senhor dos Anéis”, porém mais para frente, pois estou um pouco cansado da escrita super

detalhada de *Tolkien*, por isso gostaria de por causa aulas de leitura, voltar com toda aquela vontade de ler, seja a história da vida de Frodo ou algum outro livro indicado pelo professor.

Nunca comentei, porém, de outubro do ano passado pra cá, comecei a acompanhar mangás que normalmente saem semanalmente, curto o estilo de história deles, porque normalmente ela tem algo a mais por trás da trama principal, ou pelo menos, algo mais inovador do que o que geralmente encontro em livros de fantasia. Desde história de pessoas que reencarnam em outro mundo, a de outra que voltou no tempo e pode “recomeçar sua vida”, ou também de artistas marciais que tem o anseio de se tornar o número 1 no “murim”, como é chamado o mundo no qual geralmente se passam essas histórias.

Após passar vários anos tentando descobrir algum livro que me satisfizesse completamente, consegui achá-lo no Harry Potter, então, com base nisso pergunto: e você? Achou seu livro sem defeitos? Se ainda não, não se preocupe, um dia você acha; enquanto isso, preste atenção ao que lê, talvez os detalhes estejam lhe escapando e, é neles que as surpresas se escondem, quando o achar, seja por meio de uma história única, uma saga ou um autor, aproveite-o, pois essa vai ser a primeira vez que um livro vai entrar profundamente na sua vida.

NOTAS DE AUTORIA

George França é Doutor em Literatura pela UFSC. Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: franca.george@ufsc.br

Mariana Jann Luna é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Valentine May Machado é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Celestino Vieira é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Kauã Leonardo Souto da Luz é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Bianca Luz Magalhães é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Vitória Alonso Florentino é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Mariana Seemann Borges é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

João Pedro Burnier Jacinto é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Como citar esse texto de acordo com as normas da ABNT

FRANÇA, George et alii. Leitores em revis(i)ta: memórias de leitura de estudantes do 1º ano do ensino médio/2021. **Sobre Tudo**, v. 12, n. 1, p. 279-346, 2021.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para

assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 11/05/2021

Aprovado em: 08/07/2021

Publicado em: 20/07/2021